

Da ARENA ao Partido Novo: a direita partidária brasileira pós-1979

Rafael Moreira Dardaque Mucinhato¹

Antes de dar início a essa fala, gostaria de agradecer ao convite feito pelos organizadores do evento, feito por meio da Camila Rocha, e também ao Departamento de Ciência Política por apoiar a realização de um evento como esse, extremamente importante na atual conjuntura. Num momento em que atravessamos um governo formado por uma coalizão que congrega vários partidos do campo da direita, nada mais pertinente que um evento como esse e uma mesa como esta, tendo como tema os partidos políticos do campo da direita na política brasileira.

Minha proposta aqui nessa fala, sendo uma intervenção para uma Mesa Redonda, é fazer uma fala um pouco mais livre e ensaística, com o objetivo de traçar uma retrospectiva histórico-política da direita partidária brasileira desde a extinção da Arena no final de 1979 dando destaque a dois pontos: 1. o espalhamento dos ex-filiados a Arena por diversas siglas do sistema partidário e 2. a pulverização de siglas nesse campo do espectro político partidário assim como a inexistência de uma só grande sigla que congregue os parlamentares desse campo e “organize” melhor o sistema partidário. Obviamente não conseguirei cobrir todos os aspectos possíveis e todas as legendas possíveis de serem consideradas, mas acho que conseguirei dar um panorama histórico que possa servir de pano de fundo pros debates que estão sendo realizados aqui como parte desse Simpósio. Ao fazer isso estou também me arriscando um pouco e fugindo do meu objeto de estudo dos últimos anos que, como alguns aqui sabem, tem sido o PMDB. Optei por essa linha narrativa pois achei que seria importante aproveitar a oportunidade pra me debruçar sobre uma parte da literatura sobre partidos políticos no Brasil (que pretendo fazer referência aqui ao longo dessa exposição) assim como sair um pouco da minha “zona de conforto” das minhas pesquisas².

Antes de dar início a minha fala propriamente dita acho importante destacar também o desequilíbrio existente na literatura de ciência política que se dedica a estudar os partidos políticos brasileiros. Enquanto os partidos localizados no campo da esquerda se tornaram objeto de estudo bastante esmiuçado (sendo o PT sem dúvida nenhuma o partido político mais estudado de todos – talvez até o partido mais bem estudado da

¹ Doutorando e Mestre em Ciência Política pela USP. Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela mesma Universidade.

² Para a construção dessa fala me aterei mais aos chamados “estudos monográficos” sobre os partidos políticos brasileiros, que se dedicam a estudar um determinado político em específico e em profundidade. O enfoque monográfico surgiu na literatura brasileira no início dos anos 1980 e desde então tem contribuído para a compreensão dos partidos que compuseram o sistema político brasileiro em diferentes momentos históricos. Como exemplos de estudos monográficos poderíamos citar Benevides (1981, 1989), Kinzo (1988), D’Araújo (1996), Hippolito (2012), Valle (2015) entre outros.

América Latina)³, os partidos localizados no campo do centro e da direita foram ainda muito pouco estudados. De modo que minha exposição aqui será uma tentativa de “amarrar” esses poucos estudos numa só narrativa, que espero que seja coerente.

XXXXXXXXXX

Para dar início a essa fala começo traçando um panorama histórico do final do ano de 1979, quando tem início o período pluripartidário atual ainda em meio ao regime militar brasileiro. Naquela conjuntura, num momento em que o MDB seguia tendo um desempenho eleitoral crescente para aqueles cargos em que a Ditadura manteve eleições diretas, os estrategistas do Regime elaboram e aprovam a Lei n. 6.767, extinguindo os partidos criados com base no Ato Complementar nº 4, de 20 de dezembro de 1965 e estabelecendo novas regras para a criação de partidos políticos. Na prática, extinguiu-se assim o bipartidarismo artificial estabelecido em finais de 1965 e estabeleciam-se as regras para a criação de um novo sistema pluripartidário. Como apontam alguns estudos (Kinzo, 1988:205) e muitos aqui já devem saber, a Reforma Partidária de 1979 (aliada a Lei de Anistia aprovada meses antes) tinha como objetivo de fundo fragmentar a oposição, provocando a desintegração do MDB, mas sem fragmentar a Arena, uma estratégia que em partes obteve resultado.

Nesse sentido, se por um lado houve de fato certa fragmentação do MDB (e aqui não vou me ater a esse aspecto), a criação de um novo partido de sustentação parlamentar para a Ditadura contando com uma ampla bancada, o PDS (o Partido Democrático Social, conhecido no jargão popular como “Arenão”), demonstra que a estratégia do regime em certo sentido deu resultado. Digo em certo sentido pois ela não foi completamente bem sucedida. Ocorreu naquele momento, ainda em 1980, o primeiro racha da direita brasileira pós extinção da Arena. Esse racha gerou o PTB (o mesmo existente até hoje e que participou de inúmeras coalizões de governo desde sua fundação), um pequeno partido do campo da direita que o TSE naquela ocasião entregou a um grupo liderado por Ivete Vargas evitando que a sigla caísse nas mãos de Brizola, e principalmente um novo partido de centro, congregando os liberais da Arena e conservadores (ou “moderados”) do MDB, o chamado Partido Popular (PP)⁴. Porém, esse partido teve vida curta, sendo extinto em 1982 após a aprovação do “Pacote de

³ Para uma revisão bibliográfica a respeito do Partido dos Trabalhadores, ver Menegozzo (2013).

⁴ A então nova composição partidária do Congresso nos permite visualizar a dispersão dos políticos dos extintos partidos em relação aos partidos recém criados. O PDS tornava-se o novo partido governista, tendo na Câmara 215 Deputados, sendo formado por 90% de ex-arenistas e 10% de ex-emedebistas. No Senado, dos seus 36 parlamentares, 97% foram ex-arenistas e apenas 3% ex-emedebistas. Já o PMDB tornava-se o maior partido de oposição no Congresso. Na Câmara ele é formado por 115 políticos, 95% de ex-emedebistas e 5% de ex-arenistas. No Senado, dos seus 22 filiados, 42 o partido era composto por 91% de ex-emedebistas e 9% de ex-arenistas. Por sua vez o PP era o partido que apresentava em sua formação uma composição mais equilibrada entre os dois partidos que marcaram o período de 1966-1979, demonstrando seu caráter centrista. Na Câmara dos Deputados, 59% de sua bancada era composta por ex-emedebistas e 41% de ex-arenistas, computando um total de 69 Deputados. No Senado a proporção era exatamente de 50% para ex-emedebistas e 50% de ex-arenistas, em uma bancada formada por oito Senadores.

Novembro” de 1981, quando seus filiados em quase que sua totalidade se incorporaram ao PMDB⁵.

Naqueles primeiros anos de pluripartidarismo, com a criação do PTB e após a extinção do PP, teve início um processo de dispersão dos ex-filiados à Arena por parte significativa do espectro político partidário brasileiro, um processo que deixaria marcas até pelo menos a realização da Assembleia Nacional Constituinte em 1987-88 (que falarei mais à frente), e que teria também os seus efeitos de médio prazo no PMDB, principal integrante do atual governo de Michel Temer. Em relação a essa sigla e dizendo de maneira muito breve, o que tenho tentado mostrar em minha pesquisa é que um dos possíveis fatores de transformação interna do partido teria sido uma entrada significativa de ex-filiados a Arena durante a sua primeira década de existência assim como a chegada de parte desses políticos a importantes cargos de direção da legenda.

O segundo marco importante para a pulverização de siglas desse campo específico do espectro político partidário no Brasil após o ano de 1980 são os anos de 1984 e 1985. Naquela conjuntura ocorre um novo cisma na direita partidária brasileira que é a criação do PFL (objeto de estudo do Ricardo que compõe aqui essa mesa e que tem muito mais propriedade pra tratar desse partido em específico do que eu)⁶. Em meio às disputas internas no PDS acerca de qual seria o candidato do partido a disputar a presidência da República por meio do Colégio Eleitoral de 1985, com Paulo Maluf sendo o escolhido ao final, uma ala autodenominada liberal do partido cria uma dissidência chamada de “Frente Liberal”. A Frente, que posteriormente viria a se tornar um partido, o Partido da Frente Liberal (PFL, atual DEM), apoia a candidatura do PMDB de Tancredo Neves formando com ele a “Aliança Democrática” e dá um apoio essencial para que o candidato fosse eleito, participando posteriormente do governo de José Sarney com o falecimento de Tancredo antes da posse. O PFL, assim como o PMDB que citei anteriormente, também sendo um dos partidos que compõe o atual governo Temer, agora denominado de DEMOCRATAS (um nome que não deixa de ser irônico quando se estuda a sua origem histórica).

O ano de 1985 é particularmente importante para a pulverização de siglas do campo da direita no Brasil. Como dito anteriormente, a legislação partidária então em vigor havia sido sancionada em dezembro do ano de 1979 pelo presidente João Batista Figueiredo, gerando a Lei 6.767, com rígidos critérios para a formação de novos partidos que até então haviam mantido o sistema partidário brasileiro com poucas siglas. Porém, no início do governo Sarney e como parte dos compromissos assumidos pela Aliança Democrática, ainda em maio de 1985 o governo promulga a Emenda Constitucional n. 25. A nova legislação, entre outras coisas, gerou uma flexibilização das regras para a formação de novos partidos e também para sua própria interação na arena eleitoral, aumentando consideravelmente o grau de liberdade da vida partidária no país (Braga, 2010:50-51). Como consequência, teve início naquele ano um processo de

⁵ Mucinhato (2015a, 2015b)

⁶ Ribeiro (2011, 2016).

pulverização do sistema partidário brasileiro levando a criação de várias novas siglas que seguem existindo até os dias de hoje. Apenas para se ter uma ideia, no total, até meados de agosto de 1985, são 31 os partidos que obtiveram o registro definitivo e tornaram-se habilitados para participar das eleições municipais daquele ano (Mucinhato, 2016), em sua maioria localizados no campo da direita. Um dos partidos que surge naquela ocasião, por exemplo, seria o Partido da Juventude (PJ) que em 1989 seria rebatizado para PRN (Partido da Reconstrução Nacional) tornando-se o partido por meio do qual Fernando Collor de Mello lançaria sua candidatura e seria eleito presidente da República em 1989^{7 8}.

Esse novo cenário partidário pode ser observado poucos anos depois quando da realização da Assembleia Nacional Constituinte, de 1987-1988. É interessante notar também naquela ocasião a continuidade do processo que citei anteriormente, de dispersão dos ex-filiados a Arena por outros partidos do sistema partidário⁹. Se por um lado a Arena já havia deixado de existir quase 10 anos antes, seus ex-filiados ainda que estivessem dispersos por outros partidos atuaram de maneira coordenada e reativa durante os trabalhos da ANC no bloco chamado de Centrão, que tinha como maioria de seus membros peemedebistas e pefelistas mas que se espalhava por seis partidos (PDS, PMDB, PFL, PTB, PL e PDC)¹⁰, sendo também uma expressão dessa pulverização de siglas do campo da direita.

Esse espalhamento e “infiltração” de ex-membros da Arena em partidos políticos que não eram seus sucedâneos diretos (no caso o PDS e o PFL)¹¹, um processo que no caso do PMDB foi chamado por parte de seus políticos de “arenização do partido”, também foi notado por alguns membros do PSDB quando este chega ao governo em 1994. Acho importante destacar, porém, que essa minha observação diferentemente das anteriores não está baseada em algum estudo específico da literatura sobre partidos políticos no Brasil ou sobre o PSDB, mas sim em reportagens jornalísticas da época que acabei levantando por conta da minha própria pesquisa e que fica como sugestão de hipótese para aqueles que gostariam de se dedicar a estudar o PSDB¹².

Durante o governo de FHC (PSDB) um dos partidos que passam a compor a sua base aliada é um desses partidos da chamada “velha direita”. Trata-se do já rebatizado PDS, então com o nome de PPB (Partido Progressista Brasileiro)¹³, atualmente batizado

⁷ O partido desde 2000 adota o nome de Partido Trabalhista Cristão (PTC).

⁸ É importante destacar que esse processo não foi restrito ao campo da direita. Apenas a título de exemplo, naquele mesmo ano os dois partidos comunistas se tornaram legalizados, o PCB e o PCdoB.

⁹ Madeira (2006, 2011).

¹⁰ Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro do CPDOC/FGV (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil).

¹¹ Madeira (2011) também nota esse processo.

¹² “PSDB já diz temer inchaço”, Folha de S. Paulo - 10 de agosto de 1994, e “Ex-presidente do partido critica política do inchaço a todo custo”, Folha de S. Paulo - 2 de julho de 1995.

¹³ Almeida (2004).

de PP (Partido Progressista), nome que adota desde 2003¹⁴. Tendo sua origem ligada ao Regime Militar, esse fato seria uma marca de toda sua trajetória (talvez um pouco menos nos dias de hoje, haja visto o distanciamento histórico), talvez até mais do que o PFL, que conseguiu já desde os seus primeiros anos se desvincular de seu passado “arenista”. Em relação ao PP, as sucessivas mudanças de nome e as fusões com outros partidos menores representou uma estratégia de sobrevivência em um ambiente democrático com maior competição (diferente da conjuntura em que o partido foi criado em 1966), até hoje em dia bem sucedida, para que a sigla se mantivesse com certo peso no sistema político partidário brasileiro (o partido posteriormente participaria também da coalizão governista de Lula e Dilma). O partido atravessou um processo de esvaziamento ao longo do processo de transição democrática, perdendo muitos parlamentares para o PFL e para pequenos partidos de direita, que devem a sua existência a ele.

Para além dessas siglas maiores que tratei até o momento e que poderiam ser chamadas de uma “velha direita” é importante também destacar dois fenômenos mais recentes do campo da direita partidária brasileira e que contribuem pra esse processo de pulverização que narrei até o momento: 1. a entrada em cena de partidos que adotam o recorte religioso como estratégia política, e 2. a criação de partidos da chamada “nova direita”.

No sistema partidário atual encontramos dois principais partidos políticos brasileiros associados a denominações evangélicas e que abrigam uma parcela significativa da chamada “bancada evangélica”: o Partido Republicano Brasileiro (PRB) e o Partido Social Cristão (PSC)¹⁵. Ambos são ainda pouco estudados pela ciência política brasileira, evidenciando mais uma vez o desequilíbrio existente na literatura¹⁶. O PSC é mais um dos partidos que surge a partir da aprovação da Emenda Constitucional 25, em 1985, que eu mencionei no início da minha fala e até poucos meses atrás era o abrigo partidário de Jair Bolsonaro¹⁷. O PRB por sua vez é uma sigla mais recente, fundada em 2003 ainda enquanto PMR (Partido Municipalista Renovador)¹⁸, e que como pode ser notado, diferentemente do PSC, adota como estratégia política não fazer uso de termos religiosos em seu nome. As diferenças entre os dois partidos porem vão bem além disso.

Os parlamentares evangélicos eleitos pelo PSC são em sua maioria membros da Igreja Assembleia de Deus, porém em seu órgão máximo de direção partidária (sua

¹⁴ Durante sua existência o PP teve uma história tumultuada e adotou várias denominações (ARENA, PDS, PPR, PPB e atualmente PP).

¹⁵ O recém extinto PEN (Partido Ecológico Nacional) parecia também ter conexões com igrejas evangélicas neopentecostais, mas faltam estudos que comprovem essa hipótese.

¹⁶ A exceção no caso desses partidos é o estudo de Valle (2015), utilizado como referência nesse trecho da minha fala.

¹⁷ A mudança de sigla de Bolsonaro provavelmente está associada a sua candidatura presidencial em 2018, tendo se dado conta que um partido pequeno, com pouco tempo de TV e uma parca estrutura partidária, não poderia dar conta sozinho de uma candidatura presidencial com capilaridade suficiente para cobrir todo o território nacional.

¹⁸ A sigla passa a adotar seu nome atual em 2006.

Executiva Nacional) a sigla possui religiosos de diferentes denominações: Igreja Ortodoxa Siriana no Brasil, um padre católico, e líderes evangélicos da Assembleia de Deus e da Igreja Quadrangular. O que essas denominações possuem em comum é sua a posição conservadora em relação aos costumes e à conduta moral (Valle, 2015: 10). Por outro lado, em relação ao PRB, todos os integrantes de seu órgão máximo de direção são quadros religiosos, sendo eles ou bispos, ou bispos licenciados da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). O partido concentra também todos os parlamentares dessa denominação religiosa dentro do Congresso Nacional, características que combinadas aparentam ser uma estratégia clara e deliberada do partido ser o braço político dessa organização religiosa dentro do sistema político partidário brasileiro (ainda que maquiada pelo fato do partido não utilizar qualquer menção religiosa em seu nome, seu site, ou seus símbolos).

Outro fenômeno recente que merece aqui ser citado nesse campo do espectro ideológico é a criação de partidos chamados de “Nova Direita”, e aqui destaco três siglas: o Partido Novo, o Patriotas e o PSL. Os três partidos tem em comum (além do seu ainda pequeno tamanho) seu forte discurso neoliberal em prol do Estado mínimo e também as suas agressivas estratégias de marketing, sobretudo nas mídias digitais (como canais do Youtube – contando com edição profissionalizada em seus vídeos, páginas do Facebook – com frequentes posts patrocinados para atingir um amplo público, e grupos do Whatsapp – colocando em constante contato dirigentes, militantes e simpatizantes desses partidos). Apenas para citar o exemplo do NOVO, no momento de escrita deste ensaio o partido possuía em sua página do Facebook quase 1 milhão e meio de seguidores. Esse recente partido tem declarado publicamente ter sido fundado por profissionais liberais “cansados da velha política, dos maus serviços públicos e dos altos impostos” – uma clara estratégia de se aproveitar da atual conjuntura de crise dos grandes partidos das democracias ocidentais, mas omitem que o partido nasceu com o financiamento de dois importantes banqueiros (João Dionisio Amoêdo e Ricardo Coelho Taboão, sendo ambos citados no Bahamas Leaks tendo dinheiro não declarado em paraíso fiscal do exterior)¹⁹. O Patriota (ex-PEN), por sua vez, é a nova casa de Bolsonaro desde que deixou o PSC. Sua estratégia é fazer uso de um discurso fortemente nacionalista (como o próprio nome deixa claro) – um campo da política brasileira que sempre esteve muito mais associado à direita do que à esquerda – e fortemente pautado em uma agenda conservadora nos valores morais, colocando-se contra as pautas progressistas das chamadas “minorias sociológicas”. E por fim o PSL, que possui dentro de si um subgrupo denominado de “Livres” buscando uma renovação interna na sigla e impulsionando pautas do liberalismo de costumes aliado ao liberalismo econômico mas que enfrente resistência dentro dos próprios dirigentes da sigla. O partido recentemente foi sondado por Kim Kataguirí (liderança do MBL) para ser sua sigla numa possível candidatura a deputado federal em 2018.

¹⁹ O partido foi chamado pelo cientista político Pedro Floriano Ribeiro de “partido empreendedor”, pela sua estratégia política e pelo fato da maior parte dos seus filiados serem também dirigentes, mas ainda carecemos de mais estudos sobre a sigla.

Tendo em vista os aspectos que procurei destacar nessa fala, e levando em conta que não seria possível aqui cobrir todos os pequenos partidos de direita existentes no Brasil²⁰, nota-se um longo processo de pulverização das siglas do campo da direita do espectro político partidário brasileiro. Como esta fala tentou demonstrar, esse processo teve início ainda nos anos 1980 com os sucessivos rachas dos partidos que sucederam a Arena (com destaque para os partidos que surgem após a promulgação da Emenda Constitucional 25) e foi recentemente reforçado pela emergência de novos fenômenos partidários. Cabe apontar porém que esse cenário poderá passar por mudanças no próximo ciclo eleitoral após a aprovação de uma nova cláusula de barreira que controla o acesso dos partidos políticos aos recursos do fundo partidário e ao tempo de exposição na TV, mas esse assunto creio ser melhor deixarmos para o debate após as exposições desta mesa.

Muito obrigado.

Referências:

ALMEIDA, L.C. 2004. *PPB: origem e trajetória de um partido de direita no Brasil*. Dissertação de mestrado, DCP – FFLCH - Universidade de São Paulo;

BENEVIDES, M. V. 1981. *A UDN e o udenismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra;

_____.1989. *O PTB e o trabalhismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, CEDEC;

BRAGA, M. do S. S. 2010. Eleições e democracia no Brasil: a caminho de partidos e sistema partidário institucionalizados. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 4. Brasília, julho-dezembro de 2010, pp. 43-73;

CODATO, Adriano; BOLOGNESI, Bruno; ROEDER, Karolina Mattos. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org.). *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 115-143;

D'ARAUJO, M. C. 1996. *Sindicatos, carisma e poder. O PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas;

HIPPOLITO, L. 2012. *De Raposas e Reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2ªEd.;

HOLANDA, M. F. de 2016. As duas direitas no Brasil: uma análise sobre o espectro ideológico dos partidos políticos brasileiros. X Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política Ciência Política e a Política: Memória e Futuro Belo Horizonte – 30 de agosto a 2 de setembro;

²⁰ Caberia talvez apresentar outros partidos, tais como o Partido da República (PR), o Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), e talvez até o não tão pequeno Partido Social Democrático (PSD).

KINZO, M. D. G. 1988. Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB, 1966 – 1979. São Paulo: Vértice;

MADEIRA, R.M. 2006. Vinhos antigos em novas garrafas: a influência de ex-arenistas e ex-emedebistas no atual multipartidarismo brasileiro. Tese de doutoramento: PPGCP-UFGRS;

_____. 2011. A atuação de ex-arenistas e ex-emedebistas na Assembleia Nacional Constituinte. RBCS Vol. 26 n° 77 Outubro;

MENEGOZZO, C.H.M. 2013. Partido dos Trabalhadores – Bibliografia comentada (1978-2002). São Paulo: Fundação Perseu Abramo;

MUCINHATO, R. M. D. 2015a. Um passo adiante, dois passos para trás: o PMDB de 1979 a 1982. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-02062015-175330/>>. 90

_____. 2015b. Partido Popular (1979-1982): uma efêmera experiência partidária em meio à transição democrática. In: V Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, 2015, São Paulo. Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, 2015. v. 1.

_____. 2016. Do MDB ao governismo: A trajetória do PMDB de 1979 a 2010. Texto elaborado para o exame de Qualificação do Doutorado – Programa de Pós graduação em Ciência Política (PPG-DCP/FFLCH);

RIBEIRO, R. L. M. 2011. A Decadência Longe do Poder - Refundação e Crise do PFL. Dissertação de mestrado, DCP – FFLCH - Universidade de São Paulo;

_____. 2016. PFL: do PDS ao PSD. Tese de doutorado, DCP – FFLCH - Universidade de São Paulo;

VALLE, V. S. M. do. 2015. Partidos Cristãos do Brasil recente: o caso do PRB e do PSC. Trabalho apresentado no V Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP, de 4 a 8 de maio de 2015.